

Fortaleza e a formação social urbana cearense

JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA*

RESUMO

Fortaleza, como todo o sistema urbano brasileiro, vem passando por transformações rápidas, modificando substancialmente sua fisionomia urbana. Essas transformações são indiscutivelmente efeitos de medidas políticas, econômicas e sociais, que alteraram acentuadamente a sociedade brasileira nos últimos tempos. A industrialização foi, sem dúvida, o fator propulsor dessas mudanças do que resultou a organização desse sistema urbano, até então inexistente. Nessa fase anterior ao surgimento de grandes cidades, o país vivia economicamente dependente da economia agrícola, voltada para o mercado externo. A cidade apresentou a partir dos anos sessenta, acentuado crescimento demográfico, um dos fatores explicativos de sua expansão recente com acentuado aumento do número de favelas, construção de enormes conjuntos habitacionais, formação de extensas áreas periféricas. A população da metrópole conta com mais de 2.428.678 habitantes. A antiga franja pobre de seu espaço metropolitano alterou substancialmente o seu perfil, condomínios de luxo, shoppings centers disputam espaço com extensas áreas ocupadas por bairros proletários e conjuntos habitacionais. É a nova realidade espacial da cidade que conheceu uma expansão urbana sem igual, e que explica a sua nova configuração metropolitana.

DESENVOLVIMENTO

Nessa passagem de país agrícola para país industrializado, muitos problemas se aguçaram, sendo que a problemática urbana surge como a mais séria. A população urbana do país em 1940 era constituída por apenas 31% da população total, sendo que hoje, esse percentual chega a 87%.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Além do mais, a população urbana tende cada vez mais a se concentrar nas grandes aglomerações. São várias as empresas que migraram em busca de novas localizações e provocaram a polinucleação da cidade fragilizando o centro tradicional.

Se, de um lado, esse processo de industrialização modificou as estruturas internas do país, no que se refere à sua realidade espacial, por outro lado, essas mudanças foram bruscas. Esse processo de urbanização acelerado é resultado da industrialização do Brasil que se deu de forma concentrada no Sudeste, especialmente em São Paulo.

O acelerado crescimento econômico agilizará o processo de expansão das relações capitalistas sobre o espaço, desvinculando organicamente o homem de seus laços com as condições materiais de trabalho, expropriando a terra ao campesinato e os meios de produção aos artesãos e forçando a concentração dos homens na fortaleza do capital: a cidade. O espaço concentrado que se inicia com a destruição da pequena produção pela manufatura, agora se completa. Os campos se despovoam e as cidades engordam e se multiplicam (MOREIRA, 1981, p. 101).

Nessa fase do processo se estrutura uma hierarquia urbana nacional que reforça o papel de várias cidades, especialmente as capitais estaduais, que se transformam em grandes centros de redistribuição de produtos industrializados e centros coletores da produção agrícola de suas respectivas áreas de influência. Fortaleza é um exemplo típico dessa situação. O papel assumido pelo setor terciário justifica em parte seu crescimento e a influência que ela exerce, sobre um vasto espaço que se estende além dos limites estaduais. Os fluxos migratórios para Fortaleza têm sido intensos, e o aumento dos índices de pobreza urbana, também são alarmantes.

Tanto no Nordeste como no Ceará, a indústria não encontra a expressão que tem no Centro-Sul do país. Ao contrário,

...no momento, pois, em que a expansão do sistema capitalista no Brasil tem seu *locus* na 'região' sul comandada por São Paulo, o ciclo toma especialmente a forma de destruição das economias regionais, ou das 'regiões'. Esse

movimento dialético destrói para concentrar, e capta o excedente das outras ‘regiões’ para centralizar o capital. O resultado é que, em sua etapa inicial, a quebra das barreiras inter-regionais, a expansão do sistema de transporte facilitando a circulação nacional das mercadorias, produzidas agora no centro de gravidade da expansão do sistema, é em si mesma, tantas outras formas de movimento de concentração; e a exportação de capitais das ‘regiões’ em estagnação são a forma do movimento de centralização. Aparentemente, pois, sucede de início, uma destruição das economias ‘regionais’, mas essa destruição não é senão uma das formas de expansão do sistema em escala nacional” (OLIVEIRA, 1978, p. 75-76).

No caso Cearense, a indústria mesmo sem a expressão que alcança no Centro-Sul e mesmo noutros Estados nordestinos, está concentrada em Fortaleza e ela se impõe cada vez mais, como que repetindo o processo visto acima para o todo estadual.

Ao contrário de São Paulo, onde ocorre o deslocamento de grande número de indústrias para outras cidades, permanece na cidade, a gestão da produção. Em Fortaleza, dada sua particularidade, as indústrias continuam concentradas na capital, ocorrendo nas últimas décadas a atração de indústrias do Sul e Sudeste para a RMF (SILVA e MUNIZ, 2022, p. 76).

Fortaleza exerce papel de metrópole regional, comandando um espaço significativo no Nordeste. A área de influência de Fortaleza Abrange cinco capitais regionais, 34 centros sub-regionais, 58 centros de zona e 630 cidades, cuja rede urbana encabeçada pela cidade alcança uma população de mais de 20 milhões de habitantes¹. O crescimento da população de Fortaleza tem sido sempre superior ao crescimento da população do Estado, como pode ser visto na **tabela 1**:

1 IBGE. REGIC – Regiões de Influência das Cidades. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html>. Acesso em: 21.ago.2023.

Tabela 1 – População do estado do Ceará e do município de Fortaleza no Período de 1890 a 2022 (Números absolutos e crescimentos intercensitários)

Anos	Ceará	Crescimento intercenso	Fortaleza	Crescimento intercenso
1890	805.687	-	40.902	-
1900	849.127	5,38	48.369	18,2
1920	1.319.228	55,3	78.536	62,2
1940	2.091.032	58,5	180.185	129,4
1950	2.695.450	28,9	270.169	49,9
1960	3.337.856	23,8	541.813	90,5
1970	4.491.590	34,5	857.980	66,6
1980	5.380.432	19,7	1.308.919	62,5
1991	6.366.647	18,32	1.768.637	35,12
2000	7.430.661	16,71	2.141.402	21,0
2010	8.452.381	13,75	2.452.185	14,5
2022	8.791.688	4,0	2.428.678	-1,0

FONTE: Dados para o Ceará período de 1890 a 1970 - Sinopse Preliminar do 8º Recenseamento Geral-Ceará e Anuário Estatístico do Brasil, 1976. Dados para Fortaleza, período 1890 a 1970 - Sinopse Preliminar do 8º Recenseamento Geral. Dados para 1980: Sinopse Estatística do Brasil- 1981. FIBGE. IBGE Cidades (Série Histórica: 1991 – 2000 – 2010 – 2022).

Além das causas gerais vistas anteriormente, esse crescimento demográfico de Fortaleza está intimamente vinculado às secas periódicas que ocorrem no interior do Estado e à estrutura fundiária calcada na grande propriedade ligada à criação de gado, esta última, atividade que dispensa cada vez mais a mão-de-obra utilizada, e as duas no conjunto dificultam a fixação da população no interior. Em decorrência dessa situação aumentam os fluxos migratórios que têm em Fortaleza um excelente foco de atração (mas que as vezes não fica contida somente na capital e expande para outros estados) e cujos efeitos podem ser vistos na **tabela 2**.

Tabela 2 – Imigrantes e emigrantes interestaduais no Ceará.

Décadas	Ceará			
	Imigrantes	%	Emigrantes	%
1950–1960	107.539	-	268.486	-

1960-1970	156.269	45,31	345.021	28,56
1970-1980	150.434	-3,73	464.781	34,71
1980-1990	293.392	95,03	482.355	3,78
1990-2000	343.605	17,11	439.153	-8,9
2000-2010	248.153	-27,77	373.957	-14,84

FONTE: Queiroz e Baeninger, 2015. Queiroz, 2016.

Apesar do número de emigrantes ser maior do que de emigrantes, boa parte deste contingente que partiu passou por Fortaleza, ou seja, a cidade continua sendo uma centralidade atrativa, sobretudo no que diz respeito à sua Região Metropolitana. O crescimento demográfico da capital chama a atenção pelo fato de não existir em Fortaleza um setor industrial capaz de absorver essa massa populacional que flui constantemente para a cidade, mesmo diante de uma situação de aumento da atividade industrial. Segundo os dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE, e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, também do IBGE, a participação da população economicamente ativa (PEA), na Região Metropolitana de Fortaleza era a seguinte: 253.621 (1970); 543.404 (1980); 887.996 (1991); 1.246.998 (2000). A ampliação da malha urbana aqui representada quase sempre pela expressão da periferia caracterizada pelos loteamentos clandestinos. Pelo processo de autoconstrução nesses loteamentos e a criação de um mercado de trabalho não fixo que atrai o homem do campo por um lado e por outro impede que ele trabalhe na “retaguarda rural”, porque grande parte desse solo já está totalmente, parcelado e em “pousio” para a especulação imobiliária. Dessa forma o setor primário fica prejudicado no que se refere ao emprego de mão-de-obra e compromete muitas vezes sua rentabilidade. O setor secundário por sua vez mascara um pouco a realidade, pois parte desse “emprego industrial”, nada mais é do que trabalho feito por uma mão-de-obra feminina (em sua maioria (aliás muito importante para a economia da cidade), empregada em pequenos estabelecimentos (artesanato e confecções) sem as características necessárias capazes de incluí-los no setor secundário numa classificação mais rígida.

A análise do quadro urbano cearense não pode ser feita sem que se associe as relações espaciais resultantes de um processo histórico, quando da ocupação e organização do espaço contido hoje nos limites do Estado.

Nessa análise o papel desempenhado por Fortaleza tem que ser destacado, principalmente quando se compara a sua importância em relação as outras cidades do interior e se procura compreender como que a pequena vila do passado chegou à condição de grande cidade.

A capital do Ceará não possuía nem uma baía profunda como Salvador nem a foz de um rio como o Recife onde as embarcações de pequeno e médio porte pudessem se abrigar, no período colonial, com um mínimo de segurança. Seu porto teria que ser construído em mar aberto e em uma área onde a costa é atingida pela corrente das Guianas e onde os ventos constantes de direção nordeste provocam o assoreamento da foz dos rios e o caminhar incessantes das dunas, dificultando a construção de portos. Se as condições naturais inicialmente, não a favoreceram, as condições econômicas também não foram, nos primeiros tempos muito favoráveis. Localizada em uma área de clima semiárido, não produzia a sua hinterlândia produtos de exportação cobiçados no mercado europeu, dedicando-se à pecuária com a finalidade de fornecer carne e animais de trabalho à região açucareira pernambucana economicamente mais dinâmica. Com a Revolução Industrial e a intensificação da demanda de algodão pelo mercado inglês, passou o Ceará a produzir um produto de exportação e a intensificar o povoamento de seu território e a abertura de sua economia. Foi como porto exportador de algodão e, posteriormente, de cera de carnaúba, que Fortaleza ganhou importância no século XX e teve suas instalações portuárias construídas (ANDRADE, 1978, p. 91).

Fica clara a compreensão dessa passagem de pequena vila sem função e a formação de uma grande cidade com função de comando sobre um extenso espaço a partir da conquista da hinterlândia por parte de seu porto.

Se Fortaleza foi aos poucos assumindo essa posição que possui hoje no sistema urbano brasileiro, no interior por sua vez, apenas Sobral e o

aglomerado urbano de Crato-Juazeiro do Norte se destacam como centros comerciais e industriais. Como já foi dito anteriormente, a criação de gado foi marcante no processo de povoamento e ocupação do espaço cearense. A predominância da criação extensiva impediu em parte o surgimento e crescimento de cidades, haja vista o papel da atividade pecuária na dispersão da população. A concentração da população e a origem de “pequenos centros locais, quase sempre formados pela aglutinação da população em torno de uma capela. Os núcleos populacionais do Ceará evoluíram para a condição de cidade quando encontraram facilidades para se tornarem centro de trocas de mercadorias” (SUDEC, 1975).

Se Fortaleza hoje é a maior cidade do Estado, no entanto foi Aquiraz a primeira vila criada no Ceará em 1713. Porém hoje, essa primeira vila é cidade sede do município com o mesmo nome, contido na Região Metropolitana de Fortaleza. Por sua vez, Fortaleza só foi elevada à categoria de vila em 1726. As demais vilas criadas no Estado, posteriormente, ainda no século, VIII foram: Icó (1738), Aracati (1748), Caucaia (1759), Crato (1764), Baturité (1764), Sobral (1773), Granja (1776), Quixeramobim (1789) e Guaraciaba do Norte (1796).

No início do século XIX começaram as primeiras atividades de exportação pelo Ceará, como capitania emancipada (Desmembrou-se em 1799 da Capitania de Pernambuco), e em 1826, a vila de Fortaleza, foi elevada à condição de cidade. Após Fortaleza foram elevadas à condição de cidade, ainda no século passado somente as vilas de: Sobral (1841), Icó e Aracati (1842), Crato (1843), Quixeramobim (1856) e Baturité (1858). Das cidades cearenses, aquelas originárias de vilas criadas no século XVIII, ainda hoje constituem, com raras exceções, as mais importantes do Estado. Poucas mudanças ocorreram na hierarquia urbana cearense se for considerado o tempo transcorrido entre a fundação da primeira vila (Aquiraz - 1713) e o quadro atual da realidade urbana estadual. No século XVIII, segundo pesquisa realizada pela SUDEC, assim se configurava a “rede urbana cearense”, presente no **quadro 1**:

Quadro 1 - Tentativa de identificação da rede urbana cearense no final do século XVIII.

VILA OU PO-VOADO	NÍVEL	FUNÇÃO BÁSICA
Aracati	1º	Comercial / Administrativa / Serviços
Icó	1º	Comercial / Administrativa / Serviços
Sobral	1º	Comercial / Administrativa / Serviços
Crato	1º	Agrícola / Administrativa / Industrial
Camocim	2º	Comercial / Industrial
Acaraú	2º	Comercial / Industrial
Quixeramobim	2º	Comercial / Serviços Básicos
Fortaleza	3º	Administrativa
Aquiraz	3º	Administrativa
Granja	3º	Industrial

FONTE: SUDENE/SUDEC - Estruturação do Espaço Urbano e Regional no Ceará - Uma Abordagem Histórica - 1974.

Uma análise do **quadro 1**, permite observar o papel importante assumido pelas cidades de Aracati e Icó (ambas elevadas à condição de cidade no ano de 1842). Aracati, antiga São José do Porto dos Barcos, mais tarde Santa Cruz de Aracati, expandiu-se pouco a pouco, chegando a estender sua influência sobre todo o território do Ceará. Sua condição de porto de entrada e saída de mercadorias, principalmente carne-de-sol, muito influenciou seu crescimento. O advento das charqueadas no Ceará contribuiu sobremaneira para a pujança de Aracati que se tornou o mais movimento e rico centro da capitania do Ceará. A acirrada concorrência da Paraíba e do Rio Grande do Norte no comércio de gado bovino para o abastecimento da região canavieira pernambucana, fez com que os cearenses optassem pela venda de um produto preparado e comercializado no local, no caso a matança do gado e preparação de mantas de carne conservadas pelo sol, ficando assim resistentes a viagens longas. Em face dessa atividade, Aracati tornou-se o grande centro urbano cearense do passado. Hoje sua influência restringe-se ao litoral, nas imediações da desembocadura do Jaguaribe. A exploração da carnaúba para extração de cera e outros aproveitamentos, provocou a

interiorização das funções urbanas para Russas e limoeiro do Norte, em detrimento de Aracati. Icó, por sua vez, se constituiu aos poucos no principal centro coletor da produção do interior e o maior centro distribuidor de bens para uma imensa região que se estendia pelo vale do Salgado, médio e alto Jaguaribe, além dos sertões da Paraíba. A cidade de Icó mantinha intercâmbio com Campina Grande e com o Recife. Uma simbiose urbana permitiu a coexistência de um grande centro sertanejo no interior, com o grande empório e porto no litoral.

Fortaleza, como foi visto na citação de Manuel Correia de Andrade, apesar de sua função de capital administrativa, não tinha expressão urbana, aparece no quadro acima como centro de 3º nível. Sobral, localizada a Noroeste do Estado, no vale do Acaraú, constituía um centro de 1º nível e era como ainda é hoje um dos principais centros do interior. Sua função comercial, administrativa e de serviços se estendia por todo o Noroeste, alcançando parte do Piauí. Acaraú e Camocim foram cidades portuárias que se desenvolveram no litoral norte como portas de entrada e sarda de produtos comercializados em Sobral.

No interior do Estado, quase no limite com Pernambuco, a cidade de Crato, localizada nas encostas da Chapada do Araripe, era o grande centro do Cariri. Com relações mais intensas com o Recife, mantinha-se praticamente isolado do litoral cearense.

Não havia no Ceará ‘Nordeste’ açucareiro, nem qualquer outra atividade produtiva que não fosse determinada pela estrutura típica do latifúndio-minifúndio. O Ceará era, antes da entrada do Nordeste na divisão internacional do trabalho pela via da produção do algodão, um vasto e subpovoado curral de gado, com algumas microzonas como a do Cariri, onde medrou também a atividade açucareira (com razão era o Cariri do Ceará muito mais ligado às estruturas de reprodução vigentes no ‘Nordeste’ açucareiro de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas) (OLIVEIRA, op. cit. p. 55-56).

Esses quatro centros interioranos, Aracati, Icó, Sobral e Grato, exerciam influência em quase toda a extensão da província. A Aracati, cabia

o comando da faixa litorânea, a Icó, o sertão jaguaribano, a Sobral, o vale do Acaraú e a região da Ibiapaba, enquanto, ao Crato, cabia o Cariri. Dos quatro, apenas o Crato aparecia com função agrícola, o que revela sua tradição agrária, decorrência de melhores condições climáticas e de aproveitamento da terra no Cariri. A cana-de-açúcar já era cultivada e se constituía no principal produto da área, razão por que também o Crato exercia função industrial, com os engenhos ali instalados para produzir açúcar e rapadura. O Cariri era responsável pelo abastecimento desse produto para o sertão pecuário.

O desenvolvimento da lavoura algodoeira e a colocação desse produto no mercado internacional provocaram a projeção de Fortaleza como centro urbano. Pouco a pouco a capital cearense foi adquirindo destaque entre as cidades do Estado e posteriormente entre as cidades brasileiras.

“Os resultados censitários, a partir de 1940, demonstram o rápido crescimento da população de Fortaleza. Assim, o município, de acordo com o Recenseamento de 1950, apresentou um acréscimo populacional de 49,9% em relação à década anterior. Nos decênios seguintes, Fortaleza posicionou-se dentre as capitais do Nordeste que vem apresentando os maiores índices de crescimento” (OLIVEIRA, op. cit. p. 55-56).

De uma pequena cidade nos fins do século passado, com somente 40.902 habitantes, em menos de um século alcança e ultrapassa a cifra de cidade com mais de um milhão de habitantes, surpreendendo a todos. Recife e Salvador, tradicionais capitais nordestinas, sempre foram importantes centros desde o início da colonização portuguesa. A Fortaleza cabia apenas o papel de ser a capital da província do Ceará, apesar de inferior aos dinâmicos centros de Aracati e Icó. Sua condição de capital administrativa e, como consequência, sede de repartições públicas de vários níveis, além de outros órgãos ligados à administração, a construção da ferrovia, o melhoramento do porto, a construção de rodovias entre outras medidas, contribuíram para que Fortaleza fosse aos poucos adquirindo feições de grande cidade, e que fosse competindo com as demais cidades do interior.

As secas periódicas que assolavam o interior e principalmente a abertura de estradas e construção de rodovias, ligando a capital aos municípios mais distantes e outros Estados, contribuíram para que a capital alencarina se transformasse aos poucos, num polo de atração para a população migrante. Esses e outros fatores teriam criado as condições necessárias para que ocorresse um vertiginoso crescimento demográfico e, a partir dele, um esforço das funções urbanas de Fortaleza, que vai expandindo sua área de influência. Os números por si demonstram a sua importância como foi visto na tabela 2. Ao que tudo indica, seu crescimento demográfico acentuou-se, tanto provocado pelo seu papel de polo de atração, como também pelas condições repulsivas de vida em grande parte do interior. Este papel concentrador de Fortaleza pode ser observado mesmo em sua Região Metropolitana, onde detém um maior contingente demográfico em detrimento dos municípios integrantes desse espaço metropolitano. A **tabela 3** é bem significativa para demonstrar esse papel concentrador de Fortaleza, agora, já num espaço menor e de limites mais preciosos (Região Metropolitana de Fortaleza).

Tabela 3 – Região Metropolitana de Fortaleza – População Recenseada nos Recenseamentos Gerais a partir de 1940 Valores absolutos e relativos.

Município/Censos	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2022	TOTAL
Aguiaraz	20.429	23.870	26.592	32.700	45.807	46.305	60.469	72.628	80.243	-
Cascavel	-	-	-	-	-	-	-	66.142	72.626	-
Caucaia	30.082	37.832	42.572	54.754	94.106	165.099	250.279	325.441	355.679	-
Chorozinho	-	-	-	-	-	-	18.707	18.915	20.163	-
Eusebio	-	-	-	-	-	-	31.500	46.033	74.170	-
Fortaleza	180.185	270.169	514.818	872.702	1.338.793	1.768.637	2.141.402	2.452.185	2.438.678	-
Guaiuba	-	-	-	-	-	-	19.884	24.091	27.217	-
Horizonte	-	-	-	-	-	-	33.790	35.817	74.754	-
Itainga	-	-	-	-	-	-	179.732	209.057	234.392	-
Maracanaú	-	-	-	-	-	-	179.732	209.057	234.392	-
Maranguape	39.212	41.585	46.205	59.622	91.137	71.705	88.135	113.561	105.093	-
Pacajus	-	-	-	-	-	-	44.070	61.838	70.534	-
Parabana	-	-	-	-	-	-	-	-	38.691	-
Paracuru	-	-	-	-	-	-	-	-	35.691	-
Paratuba	-	-	-	-	-	-	-	-	32.216	-
Pindoretama	-	-	-	-	-	-	-	-	23.345	-
São Gonçalo do Amarante	-	-	-	-	-	-	-	-	54.021	-
São Luis do Curu	-	-	-	-	-	-	-	-	10.822	-
Trairi	-	-	-	-	-	-	-	-	58.415	-
TOTAL	288.431	393.446	654.645	1.053.333	1.615.648	2.289.365	2.984.489	3.615.767	3.906.855	-
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: IBGE.

Nota-se que a população de Fortaleza no quadro geral da composição da população total da Região Metropolitana era de 62,48% em 1940, passando para 62,2% nos últimos resultados censitários, haja vista a inserção de mais municípios (passando de cinco para dezenove) e os eventos decorrentes da pandemia do Corona vírus a partir de 2020, que fizeram com que a capital perdesse um número considerável de habitantes entre os censos de 2010 e 2022. Além de Fortaleza, Maranguape também sofreu com perdas demográficas significativas, mas a capital continua sendo a principal cidade da RMF. Hoje a malha urbana de Fortaleza já alcança praticamente o seu limite sul e oeste em direção aos municípios de Maranguape, Pacatuba, Maracanaú e Caucaia, provocando mudanças na distribuição da população nos últimos anos. A expansão do setor industrial através da localização do Distrito Industrial de Maracanaú modificou a direção dos fluxos de deslocamento da mão-de-obra operária e da construção civil. Imensos conjuntos habitacionais foram e continuam sendo construídos pelo sistema financeiro, desde o BNH. Estas medidas provocaram uma descentralização de Fortaleza, fortalecendo os vínculos metropolitanos. Fortaleza hoje é praticamente a imagem de sua área metropolitana. Além disso, a melhoria dos serviços de transportes coletivos (Metrô e VLT, por exemplo) e o aumento constante do preço do solo urbano facilitam e forçam o deslocamento de parte da população para áreas mais distantes. Como consequência, a população fica mais dispersada em relação ao todo metropolitano, e, aumentam as densidades ao nível municipal. Esse poder concentrador de Fortaleza, presente até em sua região metropolitana,

simboliza bem uma economia dependente dos mercados extra regionais, centro de um espaço de ‘drenagem’ de matérias primas, de capitais e de população de sua área de influência. O ritmo explosivo do crescimento demográfico, de Fortaleza representa bem as dificuldades econômico-sociais do Estado (SUDEC, op. cit., p. 63).

Afora a concentração da capital, só nas áreas circunvizinhas dos centros regionais de Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha e Sobral é que o quadro urbano se destaca no cenário estadual. Num outro nível, surgem

Iguatu e Crateús, Tianguá e Itapipoca como importantes centros urbanos em relação às regiões onde eles estão inseridos. No contexto nordestino, é o Ceará o Estado que apresenta um maior desnível no seu sistema urbano, no que se relaciona à hierarquia, isso quer dizer que é o Estado que apresenta maior diferença em termos demográficos entre sua maior cidade e a segunda mais importante (cerca de 2.321.400 habitantes de diferença entre Fortaleza e Caucaia, a segunda maior cidade). Nos demais Estados, nota-se certo equilíbrio entre essas duas cidades, isso é claro que feito em relação à situação cearense. Os exemplos de relação mais equilibrados podem ser vistos entre São Luiz e Imperatriz (764.655 habitantes de diferença), para o Maranhão; Teresina e Parnaíba (704.411), para o Piauí; Maceió e Arapiraca (723.220), para Alagoas; Natal e Mossoró (589.862), para o Rio Grande do Norte; Aracaju e Nossa Senhora do Socorro (484.881), para Sergipe; João Pessoa e Campina Grande (403.184) para a Paraíba. Recife e Jaboatão (949.687), para Pernambuco (Poderia ser também Caruaru, caso não se queira considerar municípios contidos nas áreas metropolitanas) e por fim Salvador e Feira de Santana (1.801.726) para a Bahia apresentam os maiores desníveis após o Ceará.

Os exemplos demonstram bem a realidade urbana dos Estados Nordesteiros. No caso cearense, a maior cidade depois de Fortaleza é Juazeiro do Norte, tendo essa cidade como já foi dito anteriormente, uma população aproximadamente dez vezes menor que a da capital. Além do mais, sua infraestrutura urbana é incompatível com o seu contingente demográfico. Assentada sobre um sítio de relevo pouco acidentado, a cidade se apresenta com uma forma compacta, com a população excessivamente adensada e distribuída numa compartimentação urbana em forma de quadrilátero, apresentando um alto índice de pobreza, marcado pelo constante fluxo de peregrinação em torno da:

...figura mística e mítica do Padre Cícero Romão Batista, que, em 1872, assumiu a capelania daquele povoado, tornando-se também seu primeiro prefeito. O Padre Cícero, através de lendas e devoção popular, tornou-se venerado em todo o Nordeste e é responsável pela transformação do pequeno povoado em grande centro de romarias, razão primeira de seu surto de crescimento (SUDEC, 1980).

Mesmo se tratando de um importante centro de comércio varejista, as marcas de sua condição de centro de peregrinação de romeiros pobres e sua maioria, oriundos de todo o Nordeste e outras regiões do país são profundas. Essas marcas alteram ou criam de forma acentuada a paisagem urbana dessa cidade.

Dessa forma apresenta-se o quadro urbano cearense. O poder concentrador de Fortaleza revela a fragilidade do sistema urbano que não consegue reter a população no interior. Por sua vez é a população mais pobre que migra com mais facilidade. Consequentemente surge como resposta espacial, uma cidade dominada pela pobreza e que tem essa realidade mascarada por alguns bairros elitizados, ocupados por confortáveis mansões e edifícios elegantes. A grande maioria da população vive em péssimas condições e, em muitos casos, confinada em bairros longínquos sem o mínimo de conforto e sem uma infraestrutura de serviços capaz de atender às necessidades básicas dessa parcela significativa da população. Para que se tenha ideia das reais condições dessa população e presumir sua distribuição geográfica e arrumação espacial no contexto urbano de Fortaleza, basta analisar a **tabela 4** que mostra o nível de renda da população, de acordo com o Censo de 2010.

Tabela 4 - Rendimento mensal de todas as fontes segundo o número de famílias, na Região Metropolitana de Fortaleza.

Município / Renda / Número de famílias	Até 1 salário-mínimo	De 1 a 2 salários-mínimos	De 2 a 5 salários-mínimos	Mais de 5 salários-mínimos	Sem rendimento	Total
Aquiraz	1.369	87	25	-	364	1.845
Cascavel	1.157	51	51	8	522	1.789
Caucaia	5.756	526	156	8	2.232	8.678
Chorozinho	230	15	-	-	98	343
Eusébio	851	118	43	5	346	1363
Fortaleza	43.342	8.182	3.089	791	14.071	72.475
Guaiúba	371	33	-	11	272	687
Horizonte	866	83	-	-	397	1346
Itaitinga	552	22	6	-	258	838
Maracanaú	4.007	397	66	24	1.579	6.073

Maranguape	2.892	241	88	9	748	3.978
Pacajus	1.155	108	32	-	284	1.579
Pacatuba	1.414	107	38	-	677	2.236
Paracuru	532	14	19	-	280	845
Paraipaba	557	18	22	-	169	766
Pindoretama	417	39	7	-	173	636
São Gonçalo do Amarante	780	46	7	10	338	1181
São Luís do Curu	192	3	-	-	97	292
Trairi	1.229	45	10	-	427	1.711
Total	67.669	10.135	3.659	866	23.332	108.661
%	63	10	4	1	22	100

FONTE: IBGE – Censo 2010.

O quadro não é nada animador e indica a situação de extrema pobreza a que está submetida grande parte da população. Apesar de tão importante no cenário urbano brasileiro pelo seu contingente populacional, Fortaleza não possui uma urbanização à altura de seu tamanho demográfico. Salvo sua importância comercial e de serviços, face ao seu grande espaço de influência regional, seu comércio é grande, porém pobre, se comparado com outras praças. Trata-se de um comércio típico de uma população com pequeno poder de compra. Ultimamente um comércio de melhor qualidade vem se instalando nos bairros Aldeota e Meireles e em suas imediações, atendendo a uma incipiente classe média que apresenta melhor poder de compra. A mudança de uso de antigas residências que se transformam em estabelecimentos comerciais vem ocorrendo com frequência naqueles bairros. Os dados por si indicam a qualidade de urbanização que se estende pelos municípios vizinhos. Se os dois primeiros níveis de renda forem somados, ter-se-á um percentual de 70% do total de famílias que residem na região metropolitana, com renda familiar de menos de até 1 salário-mínimo e de 1 a 2 salários-mínimos.

Segundo dados oficiais do censo de 2010², o município de Fortaleza possuía 108.903 domicílios nas favelas da cidade, com uma população

2 Censo 2010 – IBGE.

de 396.370 habitantes. Os números não assustam. No entanto, o Censo só considera aquelas “favelas” (cuja denominação utilizada pelo IBGE é de aglomerados subnormais) caracterizadas pela concentração de moradias pobres e pela ausência de infraestrutura urbana nessas concentrações. Levando-se em conta os loteamentos periféricos com o uso domiciliar caracterizado pela autoconstrução, pela ausência de infraestrutura básica, além de vários bairros da cidade extremamente pobres, esses números seriam mais elevados. Esses loteamentos e bairros só não são considerados “favelas”, devido à posse da terra por parte do morador (proprietário). Sem dúvida alguma, quanto ao seu aspecto formal no contexto da paisagem e sua configuração na estrutura urbana, eles não apresentam muita diferença em relação às típicas favelas.

As contradições residem mesmo nas informações. Basta relacionar os dados de níveis de renda (Censo 2010), com os de favelas para 2010 e os da PNAD³ para 2010 que apresentam os seguintes resultados: Para 1.027.772 domicílios particulares permanentes contidos nos 15 municípios (até o Censo de 2010) integrantes da região metropolitana de Fortaleza (os outros quatro municípios foram incluídos em 2014: Paracuru, Paraipaba, Trairi e São Luís do Curu) cerca de 898.518, eram servidos pelo abastecimento d’água. Daquele mesmo total, 4.667, não tinham iluminação elétrica, e, 512.909 estavam ligados à rede geral de esgotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação da urbanização no Brasil, apesar dos avanços alcançados nas últimas décadas, ainda mantém fortes semelhanças com as cidades dos países do Sul Global, também conhecido como Terceiro Mundo que para (ROCHEFORT, 1981) têm um crescimento muito mais rápido do que as dos países desenvolvidos, em função do crescimento natural e das importantes migrações da população do campo. esta população que se concentra nas grandes cidades está muito mais que nos países desenvolvidos dominada pela pobreza de um grande número, acarretando uma falta de recursos para a massa da população urbana (ROCHEFORT, 1981).

Como destaca e generaliza Rochefort, Fortaleza não foge à regra. Os intensos fluxos migratórios e a concentração da pobreza tem sido uma

3 IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Censo 2010.

constante no processo de urbanização da capital cearense. No seu conjunto, o sistema urbano cearense se apresenta constituído de um grande número de centros locais, de pequena expressão. O número de cidades de porte médio é reduzido como já foi analisado. É realmente Fortaleza, malgrado a pobreza reinante entre a maioria de sua população a grande cidade que comanda praticamente toda a vida de relações do Estado. Ao mesmo tempo, ela impede que as cidades do interior tenham uma ação maior nas suas respectivas áreas de influência. A fragilidade da atividade industrial talvez explique a ação retraída do quadro urbano cearense, caracterizado pela predominância de centros eminentemente terciários. Nesse contexto, Fortaleza domina e controla praticamente todas as atividades estaduais, se firmando cada vez mais como o polo concentrador - a metrópole cearense.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- ANDRADE, Manuel Correia de. A Estrutura Portuária e a Organização do Espaço no Brasil. In: **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Vol. XIX - São Paulo: AGB (Associação dos Geógrafos do Brasil), 1978.
- ANDRADE, Manuel Correia de. O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste. In: **Estudos Regionais – Recife**. Recife: SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste)/CPR, 1975.
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Solo Urbano e Ação Pastoral**. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas**. Rio de Janeiro: 1972.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contribuição ao Estudo da Hierarquia Urbana no Ceará. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Ano 39, n. 9 - Rio de Janeiro: IBGE, 1977.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 1978**. Área Metropolitana de Fortaleza, Vol. 3, Tomo 14. Rio de Janeiro: 1978.

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1980). Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Ceará - 1980, Rio de Janeiro.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **REGIC – Regiões de Influência das Cidades**.
- Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html>. Acesso em: 21.ago.2023.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- QUEIROZ, Silvana Nunes de. Evolução das migrações interestaduais cearenses: Análise para os decênios de 1960/1970, 1970/1980, 1981/1991, 1990/2000e 2000/2010. In: OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações nordestinas no século 21 – Um panorama recente**. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2015, p. 27-50.
- QUEIROZ, Silvana Nunes de. **Panorama das migrações interestaduais cearenses: Análise para o período de 1950 a 2010**. Blucher Social Sciences Proceeding, V. 2, n. 2., 2016.
- ROCHFORT, Michel. A Problemática do Espaço nos Países do Terceiro Mundo. Trad. de José Borzacchiello da Silva. AGB. Diretoria de Fortaleza, Fortaleza, 1981.
- SANTOS, Milton. **Economia Espacial - Críticas e Alternativas**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SILVA, José Borzacchiello da; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A Indústria Têxtil e a Produção do Espaço Urbano**. Fortaleza: Edições UFC, 2022.
- SOUZA, Maria Salete de. **Fortaleza: Uma Análise da Estrutura Urbana**. Fortaleza, 39 Encontro Nacional de Geógrafos, AGB, 1978.
- SUDEC – Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará. O fenômeno Urbano no Estado do Ceará. (Redação Preliminar) Fortaleza, 1975.
- SUDENE - (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). **Vinte Anos**. Recife: SUDENE, 1980.